

IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS

Argemiro Rodrigues
Da Irmandade Nossa Senhora
do Rosário dos Homens
Pretos/SP

Duas fases distintas marcam a existência da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. A primeira fase se caracteriza por uma profunda restrição à liberdade e à ação de seus fundadores; na segunda fase inicia-se uma preocupação maior com a formação intelectual e profissional dos seus componentes. A respeito da primeira fase, existe um único documento, um livro de autoria de Raul Joviano do Amaral, *Os pretos do Rosário*, publicado pela Editora Alarico em 1954, no qual me baseei para fazer este relato, além dos depoimentos de muitos ex-escravos que, nas manhãs de domingo, me contavam histórias desse tempo.

Segundo Raul Joviano do Amaral, a história da Irmandade Nossa Senhora do Rosário se inicia em 1630 com a chegada a São Vicente do navio tumbreiro de Lopez Bichorca, que transportava os primeiros escravos procedentes da Guiné. Lewis Hanke, em seu livro *De Aristóteles ao índio americano* relata as barbaridades advindas do encontro de duas civilizações totalmente diferentes: a européia e a americana. Temos certeza que o encontro de duas civilizações, também totalmente diferentes, a européia e a

africana, causaram o mesmo impacto. Além do choque de culturas, temos que lembrar as diferenças de posição, de situação e de interesses. De um lado, o povo escravo, arrancado de seu país, de sua família e impossibilitado de cultivar até a sua própria religião, além de ter os seus deuses, Orixás — Xangô, Exú, Iansã, Iemanjá, Obatalá — violentados e humilhados. De outro lado, o senhor, dono absoluto dos bens, de todas as verdades, com sua previsão de riqueza solucionada; pois tinham garantida a mão-de-obra escrava. Clóvis Moura, em seu livro *Os Quilombos e a rebelião negra*, deixa patente que o negro não se comportou como coisa no processo de formação do nosso país. O negro foi um agente e não um paciente, como afirmam muitos historiadores e sociólogos. E é justamente essa capacidade de ação e de reação que possibilitou o nascimento da Irmandade Nossa Senhora do Rosário. Os portugueses vicentinos, piratinganos, exerciam a sua religiosidade através da confraria e das irmandades. Os negros, destituídos de sua liberdade, de sua terra, de sua família e até de sua religião, por sua vez, viam nas irmandades uma possibilidade de, sob a máscara da religião católica, exercerem a sua religião. São Benedito e Nossa Senhora do Rosário são os santos venerados pelos negros de procedência banto. Já nos porões dos navios negreiros, negros de procedência, tribos, religiões, dialetos, usos e costumes diferentes, conseguiram um traço identificador. Chamavam-se mutuamente de "malungos", o que significa irmão em português. Talvez um lamento pelo destino que os uniu ou por prever o futuro que os aguardava. Estes fatos, cremos nós, estabeleceram o vínculo da fraternidade e que só numa confraria ou irmandade eles poderiam encontrar.

Não temos dados precisos sobre o número de negros que habitavam o planalto paulista naquela época. Estima-se, todavia, que existiam 500 negros ligados às instituições religiosas, como o Mosteiro de São Bento, o Convento de Santa Tereza e um número muito grande de negros dispersos por toda a região do planalto. Sabe-se, ainda, que eles se reuniram poucas vezes. Mas, destas reuniões, nasceu o desejo de se unirem, o estímulo à solidariedade, a possibilidade de cultuarem os seus mortos, o desejo de serem alforriados, a adoção dos princípios de liberdade e da compra cooperativista da respectiva carta de alforria, o ensejo das festas coletivas, sem a incômoda fiscalização do senhor e, finalmente, a resolução em fundar a comunidade Nossa Senhora do Rosário. Na época, governava São Paulo o primeiro Capitão General, Dom Antônio de Albuquerque Coelho Carvalho e o calendário assinalava 2 de janeiro de 1711. A partir de então, a Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo era uma realidade. Seu primeiro estatuto data de 1808 e o seu registro foi oficializado em 4 de janeiro de 1809, com 29 artigos que, entretanto, nada dizem a respeito da escola dirigida à coletividade negra como foi na realidade a Irmandade Nossa Senhora do Rosário durante mais de dois séculos.

Na verdade, não temos documentos que pos-

sam comprovar a existência real de uma escola, mas, sim, de que a Irmandade funcionou como uma escola¹, uma escola de liberdade, uma escola de civismo, realmente digna de nós que queremos o bem da humanidade, o bem do Brasil e que prevemos para o futuro, um Brasil irmanado, um Brasil integrado.

A segunda fase começa em 1952. Um jovem professor, oriundo do interior paulista, foi convidado a assistir uma missa numa noite de natal. Terminada a cerimônia, o mestre foi apresentado aos decanos da Irmandade². O relato de suas vidas, levaram ao mestre, então, pela primeira vez, a noção do que era discriminação, escravidão, preconceito.

Em janeiro de 1953, no consistório da capela, situada no centro do Largo do Paissandu, já funcionava uma escola visando ao aperfeiçoamento intelectual e profissional da juventude negra do Rosário. Criamos ali um curso de alfabetização de adultos, português, inglês, taquigrafia e datilografia, madureza e prática do comércio. Dali saíram negros que hoje ocupam cargos de destaque em todos os segmentos da sociedade paulista. Todos os cursos, ainda hoje, depois de 36 anos, permanecem sob a regência da professora Maria da Penha, ensinando e tentando fazer com que a população brasileira siga um exemplo que nós consideramos bastante digno.

Na verdade não encontrei subsídios para falar sobre a Escola do Rosário, mas deixo aqui o exemplo da Irmandade Nossa Senhora do Rosário porque, realmente, ela foi uma grande escola. Nós, que temos a preocupação de organizar na sociedade brasileira, uma sociedade que denominamos "República de Zumbi" nos pautamos pelo exemplo daqueles negros analfabetos que, com todas as suas carências, com toda as dificuldades da vida, conseguiram realizar alguma coisa em benefício da coletividade negra que hoje pode, com mais brilho, com mais eficiência, servir à coletividade em que habita.

Gostaria de falar sobre a República, a que me referi para que os senhores meditem sobre uma preocupação que há muito me anima. Acredito que aque-

les que conseguem ver um pouco além, sabem que a comunidade negra está descontente com a sua posição na nossa sociedade. Existe um certo ressentimento e isto, cedo ou tarde, poderá gerar acontecimentos desagradáveis. A República de Zumbi seria uma sociedade formada por núcleos de sete pessoas, independente de sua cor, mas que tivessem objetivo de integrar, realmente, os menos favorecidos da sociedade. Esta associação seria, na verdade, uma república. Funcionaria com todos os elementos de uma república e cada um, dentro de sua função, estaria formando o elemento desfavorecido. Falando-se em desfavorecimento, evidentemente, a comunidade negra está em primeiro lugar. Nesta República teríamos a possibilidade de ter eleições normais para presidente, teríamos magistraturas, teríamos tudo o que existe na república, mas sem qualquer discriminação além de um firme propósito de elevar a comunidade desfavorecida, isto é, a comunidade negra, o caboclo, o bóia-fria, o nordestino imigrado, o índio.

1 Vários negros, baseados em depoimentos de seus antepassados, nos confirmaram de que realmente a Irmandade Nossa Senhora do Rosário funcionou como uma escola.

2 Mencionarei apenas alguns: Sr. Inácio Braga, provedor durante muitos anos, Sr. Irineu, que se dizia naquela época ter 120 anos, Sr. Cezário, Sr. Conegundes, Sr. Euclides, Sr. Vicente de Paula Custódio, Sr. Verneques, Sr. Cleófilo de Barros, Maria Rufino Rucio a anfitriã do mestre, Felisberta Rucio Rodrigues, Mário Vaz Costa, Teófilo, Dna. Dedita, Dna. Bernardina, Nerina e muitos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, R.J. do. *Os pretos do Rosário*, s.l.p. Alarico, 1954.
CARNEIRO, E. *Quilombo dos Palmares*. São Paulo, Brasiliense, 1947.
MOURA, C. *Os Quilombos e a rebelião negra*. São Paulo, Brasiliense, 1981. (Tudo é história, 12)
HANKE, L. *Aristóteles e os Índios americanos*. São Paulo, Martins, s.d.

